

**António Carmo** é um dos mais surpreendentes casos da pintura contemporânea. Uma linha de coerência jamais quebrada ou interrompida associa-se, directamente, a uma ética muito pessoal, que lhe advém de um conhecimento muito profundo das coisas da vida e da vida das coisas.

Por outro lado, a pintura de Carmo está povoada de infância: a dele e a dos outros — do povo a que pertence, do povo a que, obstinadamente, evoca, num procedimento cultural que abre novas fronteiras à nossa própria percepção do homem português.

Porém, a arte de António Carmo não naufraga numa patética e vã forma de panfleto. Ele consolida a originalidade da sua pesquisa permitindo todas as passagens a todas as modalidades, sem deixar de ser fiel a si próprio. É evidente que as raízes em que aprofundou e tem aprofundado a sua inquirição artística podem ser encontradas nos conceitos do neo-realismo. Porém, ele desafia as intuições e as marcas do vocabulário neo-realista para reconstruir uma outra sintaxe pictórica, na qual o valor das cores se cumplicia com a firmeza do traço, e com o projecto a que se impôs de levar a pintura, a sua *pintura*, aos limites máximos da expressão [...]»

*Baptista-Bastos*